

# “Todo mundo que está em volta transiciona”: um relato de experiência de um estudante trans de Licenciatura em Música<sup>1</sup>

## Comunicação

Tarcísio Ferreira  
Universidade Estadual do Ceará  
ferreiratarcisiob@gmail.com

**Resumo:** Neste texto, teço, a partir das minhas vivências musicais e das minhas experiências discentes como homem trans em um curso de licenciatura em música, algumas reflexões sobre a relação entre formação musical e diferenças. Essas reflexões são orientadas por leituras que tenho feito sobre o tema, seja na área de Música/Educação Musical, seja em outras áreas do conhecimento, de forma autônoma ou em diálogo com colegas com interesse no assunto. Considero que, apesar de termos trabalhos relevantes sobre o tema na Educação Musical, ainda são necessários avanços que deem visibilidade a diversos grupos sobre os quais incidem fortes preconceitos, discriminações e opressões — como é o caso da população T, da qual faço parte.

**Palavras-chave:** Formação musical; Diferenças; Transgeneridade.

## Introdução

Neste texto, teço, a partir das minhas vivências musicais e das minhas experiências discentes como homem trans em um curso de licenciatura em música, algumas reflexões sobre a relação entre formação musical e diferenças<sup>2</sup>. Essas reflexões são orientadas por leituras que tenho feito sobre o tema, seja na área de Música/Educação Musical, seja em outras áreas do conhecimento, de forma autônoma ou em diálogo com colegas com interesse no assunto. A fim de apresentar tais experiências, reflexões e diálogos com a literatura — e, também, com colegas —, optei por estruturar este texto em quatro sessões: 1) esta introdução; 2) apresentação de conceitos e dados importantes para se trabalhar com

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi orientado pela professora Ma. Yanaêh Vasconcelos Mota (UFRGS/CAPES).

<sup>2</sup> Agradeço o incentivo do GRUMUS — Grupo de Estudos e Pesquisa em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte —, grupo do qual faço parte, para contar minha história. Agradeço, especialmente, ao professor Dr. Mário André Wanderley Oliveira (UFRN/ PNPd - CAPES).

o tema; 4) a apresentação de minha trajetória de vida, tendo como fio-condutor minhas experiências musicais e educativo-musicais; e 4) minhas considerações finais.

## Dados importantes sobre transexualidade

Quando direcionamos o nosso olhar para a formação superior em música, é possível perceber que a diversidade é uma demanda que tem sido observada e, em certa medida, discutida. Isso pode ser visto nos relatos de experiência, estudos e pesquisas da Educação Musical, bem como em trabalhos de áreas afins, como Educação, Etnomusicologia, Antropologia e Sociologia. Aspectos socioeconômicos e culturais do corpo discente de cursos de bacharelado e licenciatura da área têm sido recorrentemente tomados como objeto de investigação e reflexão de estudantes, professores/as e pesquisadores/as. No entanto, há que se destacar que, apesar de avanços nos estudos sobre o tema, diversos marcadores sociais de diferença são ainda pouco contemplados. Entre esses marcadores, é possível destacar: gênero, sexualidade, etnicidade, raça e deficiência. Mais escassos ainda sobre o estudos que contemplam a população trans — da qual faço parte.

Segundo Bento (2008), “transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelas normas de gênero” (p. 18). São estas normas que conferem humanidade aos corpos (BUTLER, 1990 apud BENTO, 2008). Com poucos estudos que o contemplem na área de música, esse tema parece, no Brasil, incipiente da Música/Educação Musical. E mais importante do que haver trabalhos sobre 41% de todos os assassinatos de pessoas trans do mundo. O estado do Ceará, de onde falo, é o estado que mais mata pessoas trans do país (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p. 13). Esta é a realidade de pessoas trans e que não é facilmente percebida por pessoas cisgêneras<sup>3</sup>, imbuídas em sua(s) realidade(s) heteronormativas. Esta ausência de vislumbre imediato de uma realidade tão significativa reflete, também, no acesso ao ensino superior, pois estudantes transexuais representam apenas cerca de 0,1% do total de alunos/as das instituições federais de ensino superior (ANDIFES, 2018, p. 51). As poucas pessoas transgêneras/transexuais que estão na

---

<sup>3</sup> Pessoas não-transgêneras que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído.

universidade estão alocadas, em sua maioria, nas Ciências Humanas (com 737 estudantes trans). A quase nulidade da participação transgênera no ensino superior indica a estrutura *cistêmica* que produz “‘hierarquias epistêmicas’ em que [...] perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas, ou silenciadas” (GROSGOUEL, 2012, p. 339 apud SIMAKAWA, 2015, p. 15). Este neologismo evidencia a estrutura social calcada em perspectivas cisgêneras e heteronormativas.

É importante destacar que, de acordo com a *Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES* (ANDIFES, 2018), da totalidade de pessoas que sofrem assédio moral nas Instituições de Ensino Superior brasileiras, 62,8% são do sexo feminino e 36,6% do sexo masculino. Observando mais de perto a identidade de gênero, percebemos os seguintes percentuais de indicações de assédio: estudantes não-binários (26,8%), mulheres transexuais/transgêneras (21,5%), homens transexuais/transgêneras (20,2%), mulheres cisgênera (19,8%) e homem cisgênero.

A pouca representatividade de pessoas trans no ensino superior - que, conforme os dados se lhes apresenta hostil - guarda relação com as condições de vida dessa parcela da população. De acordo com Benevides e Nogueira (2018, p. 31), menos de 10% da população trans feminina se encontra em empregos formais e 90% da população de Travestis e Mulheres Transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda. Pessoas trans são excluídas da família e da escola: 13 anos de idade seja a média em que Travestis e Mulheres Transexuais são expulsas de casa pelos pais; 72% da população não possuem o ensino médio e 56% o ensino fundamental (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p. 32).

## **Minha vida: das primeiras vivências musicais às minhas experiências na Licenciatura em Música**

Considero que a música é um elemento de extrema relevância na construção das minhas identidades e perspectivas, pois minhas experiências musicais transversalizaram — e transversalizam — aspectos importantes da minha vida pessoal, escolar e acadêmica. Optei,

por essa razão, em trazer, neste relato de experiência, minhas experiências musicais como fio condutor deste texto que tem forte caráter autobiográfico.

### **Infância, transexualidade e música**

A minha relação com música iniciou-se logo cedo. Apesar de não haver profissionais da música em minha família, fui estimulado, desde a infância, a ouvir música erudita ocidental, sobretudo por meu pai — um admirador desse tipo de repertório — em casa. Quando soube que meu vizinho estava estudando violino em um projeto social desenvolvido numa escola próxima de minha casa, fiquei entusiasmado. Isso foi um grande estímulo. Logo pedi à minha mãe um violino, pois queria começar a tocar esse instrumento.

Aos nove anos de idade, comecei a estudar violino no projeto social chamado Orquestra Escola, que estava articulado à Escola Estadual CAIC<sup>4</sup> Maria Alves Carioca no bairro Granja Lisboa, na periferia da cidade de Fortaleza/CE. No Projeto Orquestra Escola, tinham aulas de violino, viola, violoncelo, contrabaixo, violão e teoria musical. O projeto atendia a alunos e alunas da Escola Estadual CAIC Maria Alves Carioca e, também, de escolas da vizinhança.

Escolhi o violino inicialmente, não apenas por conta da minha relação prévia com o instrumento (por meio das músicas que ouvia e da influência do meu vizinho), mas também porque era o mais barato. A experiência de tocar na orquestra da escola, no entanto, não me foi tão confortável, haja vista que eu era obrigado a usar vestidos nas apresentações — algo com o que eu já não me identificava.

Um dos espaços que poderiam me ajudar nesse período era a escola. Uma vez, na primeira série, lembro-me de ter me aproximado de um colega e dizer: “Ei! eu sou menino, viu?”. Todavia, nenhum assunto que envolvesse sexualidade de uma forma que me fosse mais acessível à época foi abordado na escola de educação básica. Passei, então, minha vida escolar toda me questionando: “será que eu sou isso mesmo?”. Eu me achava uma pessoa estranha. Na época, eu vestia as roupas do meu irmão mais velho às escondidas. Olhava-me e me achava confortável e feliz... por pouco tempo, pois teria que voltar a “ser menina”.

---

<sup>4</sup> Centro de Atenção Integrado à Criança.

Comento sempre que “aprendi a ser transexual na marra”. Uma criança rejeitar o seu próprio corpo é algo muito forte e, provavelmente, boa parte dos/as docentes não sabem o que fazer se ouvirem uma “menina” dizer: “olha, professor, eu sou um menino!”. Acredito que a discussão do tema seja importante na escola, pois, às vezes, nem os pais e mães sabem lidar com a transgeneridade de seus/suas filhos/as. Muitos/as acham que é uma doença e transtorno.

A minha busca por informações sobre o tema transexualidade nasceu de minhas interações principalmente fora da família e da escola, pois se eu tivesse falado sobre minha transexualidade para meus pais, quando criança ou adolescente, eles teriam me colocado num psicólogo para me “converter” de volta à normalidade. Durante muito tempo, achei que ser mulher lésbica fosse mais fácil, em função da inegável maior aceitação da cisgeneridade, mas, percebi o contrário. E eu não me via naquelas roupas e com aquele corpo. Lembro-me que, ao sair para uma festa, eu contei para uma ex-companheira que não me via nas roupas que vestia. Eu me via “montado”. Foi aí que ouvi, pela primeira vez, que eu era uma pessoa “transgênera”. A partir de então, comecei a pesquisar o tema na *internet* e, cada vez mais, me identificava com o que encontrava.

Acredito hoje que, se eu tivesse me percebido um homem trans durante a etapa da educação básica, eu teria optado por estudar violoncelo — instrumento cujo timbre sempre achei mais bonito — mais cedo, em função da identificação que eu tinha, talvez, com um determinado tipo de masculinidade. E, não raro, as pessoas diziam que o violoncelo é um instrumento “mais masculino”. Só troquei o violino pelo violoncelo, por volta dos 16 anos.

Quando, no terceiro ano do ensino médio, chegou o momento de escolher uma graduação — e, conseqüentemente, a minha profissão —, não escolhi a música inicialmente. Apesar de admirarem a carreira musical, minha família não apoiou nessa escolha, nem mesmo eu me sentia seguro para seguir um caminho profissional ao qual, comumente, se atribui instabilidade financeira. Minha primeira escolha foi, com grande hesitação, o curso de graduação em Arquitetura no Centro Universitário Estácio do Ceará — FIC.

Mesmo em outra área, voltei para a música a fim de tê-la como *hobby*. Em 2017, com 21 anos, retomei os estudos de violoncelo em um curso de extensão da Universidade

Federal do Ceará — UFC com uma professora licencianda. Neste período, fui construindo a imagem de ser uma pessoa trans e me libertar dessas amarras que eu não conseguia me libertar. Tentei, então, a seleção para a licenciatura em música em outra universidade, a Universidade Estadual do Ceará — UECE.

Estava saturado do meu corpo feminino. Fiquei muito mais confortável quando falei para meus amigos (no curso de extensão) que meu nome é Tarcísio e pedi para ninguém me chamar do meu nome morto, meu nome de registro, o que me vinculava à mulheridade. Todos os meus colegas, incluindo a minha professora, entenderam e me acolheram. Apesar de minhas crises de ansiedade e estresse, derivadas da aplicação cíclica de hormônio em meu corpo, que atrapalham meu desenvolvimento no instrumento, sinto-me compreendido no curso de extensão da UFC.

### **Licenciatura em Música e eu: um corpo que incomoda**

Ao entrar no curso de extensão de violoncelo na UFC, decidi que transformaria a música em carreira profissional. Então, abandonei o curso de arquitetura e escolhi o curso de Licenciatura em Música. A minha escolha por este curso foi baseada em dois motivos principais. O primeiro motivo é que gosto de ensinar. O segundo, não menos importante e que funciona como uma força motriz, é pela questão da militância, pela questão da representatividade. Sempre observei que tive professores e professoras cisgêneros. Nunca, na escola, na universidade, em festivais de música tive um professor ou professora trans. Pergunto: Por que não tenho uma professora violoncelista e travesti? Por que não tenho professores transgêneros? Desse modo, entendo que minha escolha pelo curso de Licenciatura em Música foi, além das aptidões, uma escolha política que visa para abrir espaço para outras pessoas trans, pois percebo que existe uma invisibilização forçada de corpos trans na universidade.

Minha entrada no curso de Licenciatura em Música da UECE começou com conflitos. Durante o vestibular, no Exame de Habilidade Específica (EHE), sofri complicações. Quando eu fui fazer a prova, a professora que estava aplicando a prova chamou pelo meu nome morto e eu, que estava esperando, me levantei e fui até ela. Porém, ela disse, na frente de

todos/as os/as colegas, que não era eu e eu afirmava que “sim, sou eu!”. O incômodo inicial só passou e a permissão para fazer a prova só foi concedida, quando um amigo cisgênero interveio e disse que eu era eu mesmo, explicando que eu era uma pessoa transgênera. Só então, consegui fazer essa prova. Por não ter meu nome social retificado nos meus documentos, o desrespeito pelo meu nome social situações incômodas são recorrentes.

Pessoas que aparentam ser bastante desconstruídas, perguntam-me, forma insistente, qual o meu “nome de verdade”. Alguns colegas sempre me chamam no feminino, numa tentativa de invisibilizar minha identidade transgênero. Alguns professores já me avisaram que não me chamariam pelo meu nome, chamariam-me pelo sobrenome, para lhes ser menos “incômodo” e/ou “confuso”.

Em alguns dos grupos instrumentais que participava, sofri casos de transfobia e por isso os abandonei. Apenas um grupo (Grupo de Cellos da UFC), respeitou meu processo de transição integralmente. Eles e elas me viram antes da transição, como mulher lésbica; durante a fase pré-T (fase sem hormonização) e, finalmente, como homem trans. Costumo dizer para eles e elas que não sou só eu que estou transicionando, eles/as também estão, porque todo mundo que está em volta transiciona.

Especificamente em relação à licenciatura, sinto-me parcialmente incluso no curso (salvos os casos de transfobia descritos acima). Eu me sinto pertencente ao curso, pois entendo as disciplinas, a linguagem, os processos técnicos-musicais.

Antes da minha transição, eu era considerad(a) soprano. Porém, no meu ingresso no curso, precisei realocar-me. Estou em processo de hormonização. Minha voz está se construindo e, por efeitos colaterais da testosterona que ingiro, estou, provisoriamente barítono. Como minha voz tem mudado, isso influenciou para além das disciplinas de Técnica Vocal e Canto Coral, tenho tido algumas dificuldades pontuais no solfejo. Minha voz começa a falhar, porque estou na “puberdade”.

No entanto, tenho percebido, nesta minha trajetória inicial com um curso de graduação em música, que há predominâncias de discussões que abordem questões técnico-musicais. Até o momento, só tive questões de gênero — relevantes para minha construção como professor e de meus/minhas colegas — abordadas em uma disciplina:

Psicologia da Aprendizagem. Nessa disciplina, no primeiro semestre, a professora discutiu sobre questões de gênero e sobre a forma de abordá-las em aula. Foi uma das melhores disciplinas que fiz na minha vida. Porém, salvo essa disciplina, não tive discussões sobre gênero e sexualidade em nenhuma das instituições que frequentei, seja a escola, a UFC- no curso de extensão da ou na UECE- no curso de licenciatura. Isso faz com que as pessoas confundam, cada vez mais, “ideologia de gênero”<sup>5</sup> com questões de gênero, transformando os espaços educacionais em exclusivos e não inclusivos. Penso que precisamos de mais discussões sobre o assunto, principalmente na licenciatura, pois, uma vez na escola, vamos encontrar pessoas que estão dentro da sigla LGBTQIAP+<sup>6</sup>.

### **Lembranças de um futuro**

Sei que estou iniciando minha trajetória acadêmica, mas reflito sobre a minha carreira. Depois da minha primeira experiência dando aula de instrumento para uma menina cisgênero, durante a graduação, tenho pensado sobre alguns impasses e potências sobre ser um professor transgênero. Ainda tenho receio de que as pessoas pensem que, como eu sou trans, elas vão virar trans também, como uma doença contagiosa; evito lidar com crianças, pois tenho medo da reação dos pais e o que eles podem fazer comigo; tenho consciência que não posso ensinar em todos os espaços escolares, por exemplo, escolas católicas e evangélicas podem me reprimir por ser quem sou. Por isso, como uma estratégia de sobrevivência, eu sempre tento estar passável, de forma que as pessoas me olhem e me interpretem apenas como “homem”.

Almejo, para depois da graduação, continuar meus estudos no mestrado, para que eu possa ser um professor com uma bagagem teórica e levantar a bandeira da transgeneridade, para inspirar mais pessoas a ocuparem esse espaço. Tenho como objetivo de carreira pesquisar e escrever sobre a temática, porque percebo que é escasso. Percebo

---

<sup>5</sup> Atacada, porém disseminada, por pessoas conservadoras a “ideologia de gênero” deturpa as reflexões, problematizações e conclusões feitas por pesquisas no âmbito das Ciências Sociais, Filosofia, Psicologia e Biologia sobre os conceitos de homem e mulher. As pessoas que atacam a “ideologia de gênero” promovem preceitos biologizantes, partindo da distinção anatômica visível, para justificar seus atos oprimir pessoas que não estejam conforme os padrões estabelecidos por tais.

<sup>6</sup> Sigla para pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, *Queer*, Assexuais, Intersexo, Pansexuais e mais.

que se fala muito de performance, métodos e técnicas, mas pouco sobre questões de gênero. Como sonho, gostaria de me ver como professor de instrumento, um violoncelista trans, com seu nome social respeitado.

## **Considerações finais: pelo transicionamento da Educação Musical**

Costumo dizer que, quando uma pessoa transiciona, todas as pessoas à sua volta transacionam. Aproveito esse aforismo para encerrar este texto manifestando o meu desejo de, com a minha presença e atuação, colaborar para o transicionamento da área — com o apoio de todas as pessoas trans ou cis que compartilhem conosco a ideia de que quaisquer preconceitos, discriminações e opressões devem perecer. Considero, também, que, apesar de termos trabalhos relevantes sobre diversidade na Educação Musical, ainda são necessários avanços que deem visibilidade a diversos grupos sobre os quais incidem preconceitos, discriminações e opressões. É necessário, portanto, que a universidade assuma um papel agentivo na sociedade, não contribuindo com a invisibilização de discriminações, mas, ao contrário, contribuindo para desnaturalizar estruturas que oprimem.

## Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Disponível em:

<<http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconômico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2020.

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018. Brasília: Associação Nacional de Travestis e Transexuais, Instituto Brasileiro Trans de Educação, 2019.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 2008.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação (mestrado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.